

Estou a ver-me entrando no Guanabara  
a sentir-me já  
dizendo baixinho:  
— abençoai-me, Senhor!

É que ali no alto do Corcovado  
o Cristo Redentor está de braços abertos  
para a minha recepção na terra amável!

Álca 2

VOCE, BRASIL

Para o poeta Ribeiro Couto

*capitula - perfum.*

Eu gosto de Você, Brasil,  
porque Você é parecido com a minha terra, *éca G. Dias.*  
Eu bem sei que Você é (um) mundo, *colopua*  
e que a minha terra são  
dez filhas perdidas no Atlântico, - *desperar* *grandeza x*  
sem nenhuma importância no mapa. *pequenez*  
Eu já ouvi falar das suas cidades:  
(A Maravilhosa do Rio de Janeiro, *cidade?*  
São Paulo dinâmico, Pernambuco, Baía de Todos-os-Santos,  
ao passo que as daqui  
não passam de três pequenas cidades.  
Eu sei tudo isso perfeitamente bem,  
mas Você é parecido com a minha terra.

*o que é de avaria? - C. M. - Literário*

É o seu poço que se parece com o meu,  
é o seu falar português  
que se parece com o nosso,  
ambos cheios de um sotaque vagaroso, *Saudade*  
de sílabas pisadas na ponta da língua,  
de alongamentos timbrados nos lábios  
e de expressões terníssimas e desconcertantes.  
É a alma da nossa gente humilde que reflecte  
a alma da sua gente simples,  
ambas cristãs e supersticiosas,  
sentindo ainda saudades antigas  
dos sertões africanos,  
compreendendo uma poesia natural

que ninguém lhes disse,  
e sabendo uma filosofia sem erudição  
que ninguém lhes ensinou.

O gosto dos seus sambas, Brasil, das suas batucadas,  
dos seus catarêtês, das suas toadas de negros,  
caiu também no gosto da gente de cá,  
que os canta e dança e sente  
com o mesmo entusiasmo  
e com o mesmo desalento também.

As nossas mornas. as nossas polcas. os nossos cantares,  
fazem lembrar as suas músicas,  
com igual simplicidade e igual emoção.

Você, Brasil, é parecido com a minha terra...  
As secas do Ceará são as nossas estiagens,  
com a mesma intensidade de dramas e renúncias.  
Mas há uma diferença no entanto:  
é que os seus retirantes  
têm léguas sem conta para fugir dos flagelos,  
ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem  
porque seria para se afogarem no mar...

Nós também temos a nossa cachaça,  
o grogue de cana que é bebida rija.  
Temos também os nossos tocadores de violão  
e sem eles não haveria bailes de jeito.  
Conhecem na perfeição todos os tons  
e causam sucesso nas serenatas,  
feitas de propósito para despertar as moças  
que ficam na cama a dormir nas noutes de lua cheia.  
Temos também o nosso café da ilha do Fogo  
que é pena ser pouco,  
mas — Você não fica zangado? —  
é melhor do que o seu.

Eu gosto de Você, Brasil.  
Você é parecido com a minha terra.  
O que é é que lá tudo é à grande  
e tudo aqui é em ponto mais pequeno...

Eu desejava fazer-lhe uma visita  
mas isso é cousa impossível.  
Queria ver de perto as cousas espantosas que todos me  
[contam

de Você,  
assistir aos sambas nos Morros,  
estar nessas cidadezinhas do interior  
que Ribeiro Couto descobriu num dia de muita ternura,  
queria deixar-me arrastar na onda da Praça Onze  
na terça-feira do Carnaval.  
Eu gostava de ver de perto o luar do Sertão,  
de apertar a cintura de uma cabocla  
— Você deixa? —  
e rolar com ela num maxixe requebrado.

Eu gostava enfim de o conhecer mais de perto  
e Você veria como sou um bom camarada.  
Havia então de botar uma fala  
ao poeta Manuel Bandeira,  
de fazer uma consulta ao Dr. Jorge de Lima  
para ver como é que a Poesia receitava  
este meu fígado tropical bastante cansado.  
Havia de falar como Você,  
com um i no si  
— «si faz favor» —,  
de trocar sempre os pronomes para antes dos verbos  
— «mi dá um cigarro?» —

Mas tudo isso são cousas impossíveis — Você sabe? —  
Impossíveis.